

CONFLITO NO ORIENTE

Petróleo sobe 28% na semana

Tensão em Ormuz faz preço do barril tipo Brent, utilizado como referência na maioria dos países, atingir US\$ 92,72

» RAPHAEL PATI

O fechamento do Estreito de Ormuz, por onde passa cerca de um quinto de todo o petróleo extraído globalmente, impactou diretamente os preços da commodity na primeira semana após a decisão da Guarda Revolucionária do Irã, que detém o controle da passagem. O receio de um conflito prolongado no Oriente Médio também ajudou a azedar ainda mais a percepção dos investidores, que ficaram mais conservadores nos últimos dias, com os desdobramentos da guerra entre Estados Unidos, Israel e Irã.

O temor de escassez do chamado “ouro negro” no mundo inteiro fez com que o preço do barril tipo Brent, utilizado como referência na maioria dos países, atingisse US\$ 92,72 no contrato de maior negociação, com avanço semanal de 28%. Já o índice do West Texas Intermediate (WTI) — padrão dos Estados Unidos — registrou a maior valorização semanal desde 1983, com um salto de 35% nos últimos cinco dias. No fechamento, WTI chegou a US\$ 91,11 o barril.

Com a alta histórica, instituições financeiras já trabalham com a possibilidade de um aumento ainda maior nos preços da commodity. O Goldman Sachs emitiu um alerta para o risco de que o petróleo ultrapasse os US\$ 100 por barril em caso de uma guerra prolongada. Em entrevista ao jornal Financial Times, o ministro de Energia do Catar, Saad Al-Kaabi, disse que os barris podem chegar a custar US\$ 120 nas próximas semanas, caso o estreito continue fechado. Já nos EUA, o secretário do Interior, Doug Burgum, afirmou que o governo considera opções para lidar com o aumento no preço dos combustíveis no país, que atingiram o maior valor em dois anos.

Brasil

Em entrevista coletiva na sede da Petrobras, a presidente da estatal, Magda Chambriard, comentou que ainda seria precipitado um ajuste nos preços de combustíveis no país e que é necessária uma tendência mais clara sobre os movimentos a nível global. Mesmo assim, ela reconheceu o sinal de alerta. “Se essa volatilidade for tão grande, e essa subida do preço for tão grande assim, certamente vai exigir, vamos dizer assim, respostas

Giuseppe Cacace/AFP



A Guarda Revolucionária do Irã ameaçou incendiar qualquer navio que passe pelo Estreito de Hormuz, mesmo que escoltados pelos EUA

mais rápidas que exigiriam se a subida fosse mais lenta”, respondeu Chambriard, após comentar os resultados do ano passado.

A executiva ainda afirmou que a empresa deve estar preparada para qualquer hipótese de alta nos preços da commodity. “Olhando à frente, vemos analistas falando que o preço do petróleo pode chegar a US\$ 120 no ano que vem, e outros a US\$ 53. Esse é o tamanho da volatilidade. O importante é que a Petrobras esteja plenamente preparada para ser resiliente o suficiente para enfrentar qualquer um desses cenários”, destacou a presidente da estatal.

Fator tempo

Na mesma coletiva, o diretor de Logística, Comercialização e Mercados da empresa, Claudio Schlosser, acrescentou que a empresa monitora constantemente as cotações internacionais como uma

estratégia de ser “a melhor alternativa do cliente”. “Nós estamos com uma produção bastante significativa de óleo, as refinarias estão com uma performance padrão classe mundial. A estratégia comercial tem, como princípio fundamental, não transferir essa volatilidade. O fator tempo é o que temos de mais relevante no momento”, ressaltou.

Os dados mais recentes da Agência Nacional de Petróleo (ANP), que monitora os preços de revenda em todo o país, ainda não revelam o impacto do salto do valor do petróleo nos últimos dias. Para o analista da AGF Investimentos e especialista no setor de combustíveis Pedro Galdi, a disparada no preço do barril pode causar grandes sequelas na economia global. “A questão não é só o preço do petróleo, mas está encarecendo também gás, fretes marítimos e com o risco deste evento se estender por mais tempo, irá gerar pressão inflacionária no mundo todo e esbarrar

na vontade dos bancos centrais em reduzir juros”, considera.

Na avaliação do Banco Sofisa, o ponto central da discussão é que o impacto econômico não decorre apenas do evento militar em si, mas da incerteza quanto à sua duração e aos possíveis desdobramentos. “Quanto maior a percepção de um conflito prolongado, maior a probabilidade de pressões inflacionárias globais e, consequentemente, de reprecificação das expectativas de juros em diversas economias. É essa incerteza — e não um cenário base de ruptura imediata no fornecimento — que tem mantido os mercados em postura mais defensiva”, considera a instituição.

Mercado financeiro

Na mesma semana em que o valor do petróleo disparou mundialmente, o dólar acumulou valorização de mais de 2%, após um dia

de “respiro” no pregão de ontem, quando fechou em queda de 0,8%, a R\$ 5,24. Já no mercado acionário, a situação foi mais preocupante para a Bolsa de Valores de São Paulo. O Ibovespa — principal índice da B3 — teve a pior semana desde novembro de 2022, após encerrar o último dia de operações com queda de 0,61%, aos 179.364 pontos. Nos últimos cinco dias, a queda foi de praticamente 5%.

No ano, os ganhos acumulados pelo Ibovespa, de 17,17% até o fechamento de fevereiro na sexta-feira anterior aos ataques, estão agora em 11,32%.

Na sessão de ontem, a escalada do petróleo e da boa recepção ao balanço do quarto trimestre, levou à alta firme das ações da Petrobras (ON +4,12%, PN +3,49%). No começo da tarde, as ações de Petrobras ganharam impulso adicional durante a teleconferência em que Magda Chambriard comentou os resultados da empresa.

Lucro da Petrobras triplica

» RAFAELA GONÇALVES

A Petrobras encerrou o quarto trimestre de 2025 com lucro líquido de R\$ 15,56 bilhões, revertendo o prejuízo de R\$ 17,04 bilhões registrado no mesmo período de 2024. No acumulado do ano, a estatal alcançou lucro de R\$ 110,12 bilhões, mais que o dobro do resultado obtido no ano anterior e marcando o sexto ano consecutivo de saldo positivo.

O resultado representa alta de cerca de 200% em relação a 2024, quando a companhia havia registrado lucro de R\$ 36,6 bilhões, indicando que o ganho da estatal mais que triplicou em um ano. Segundo a presidente da companhia, Magda Chambriard, o desempenho foi impulsionado, principalmente, pelo avanço da produção de petróleo e gás. “O ano de 2025 foi extraordinário em termos de produção”, destacou, em nota divulgada na noite de quinta-feira.

“O aumento do volume de óleo e gás nos permitiu compensar os efeitos da queda do Brent e alcançar resultados financeiros robustos. Isso reflete nossa capacidade de entregar mais com menos recursos, otimizando projetos e antecipando operações que geram valor para nossos acionistas e para a sociedade”, afirmou.

A produção total de petróleo e gás natural da Petrobras atingiu 2,99 milhões de barris de óleo equivalente por dia (boed) em 2025, crescimento de 11% em comparação com o ano anterior. Com o avanço da produção, o fluxo de caixa operacional — indicador que mede os recursos gerados pelas atividades regulares da companhia — alcançou R\$ 200 bilhões (US\$ 36 bilhões) ao longo do ano.

Segundo a companhia, o desempenho foi registrado mesmo em um ambiente desafiador, marcado pela queda de 14% no preço do petróleo Brent ao longo de 2025. “Continuamos a apresentar um fluxo de caixa robusto, apoiado por projetos de qualidade que ampliam a produção, com alto retorno e rápida geração de caixa”, afirmou o diretor financeiro, Fernando Melgarejo.

CB AGRO

Os desafios logísticos da produção de dendê

» CAETANO YAMAMOTO *

O presidente da Associação Brasileira de Produtores de Óleo de Palma (Abrapalma) e do Conselho de Administração da Belém Bioenergia Brasil, Victor Almeida, foi o convidado de ontem do CB.Agro — uma parceria entre **Correio** e TV Brasília. Ele falou sobre desafios e avanços da cadeia produtiva da palma no Brasil e como o óleo é usado na produção de alimentos, cosméticos e energia.

Em conversa com os jornalistas Carlos Alexandre de Souza e Roberto Fonseca, o presidente da Abrapalma revelou que o setor emprega cerca de 20 mil pessoas na região Amazônica e concorre diretamente no mercado global com os países do sudeste asiático, principalmente com a Indonésia. Ele disse que o setor já teve uma política nacional de fomento que fez com que ele dobrasse de tamanho, no início de 2010, mas infelizmente essa política foi esquecida. “Nos últimos cinco anos a gente vem sofrendo com movimentos recorrentes de isenção do imposto de importação que protege o nosso setor contra a concorrência desleal da Indonésia, que infelizmente não segue as regras trabalhistas como o Brasil. A gente de certa forma está subsidiando a precarização do trabalho e do agricultor da Indonésia em detrimento do nosso agricultor da amazônia.” Almeida disse acredita que, no

início, a isenção foi embasado em fatos reais, como o desabastecimento global pós-pandemia em 2022. Entretanto, a cota de isenção vem sendo renovada anualmente, embora não exista mais o cenário de desabastecimento. Ele comentou que no ano passado, não houve o fenômeno El Niño e a produção da Indonésia bateu recorde.

“A produção brasileira aumentou mais de 15% em relação ao ano anterior e, ainda assim, tivemos uma nova cota renovada para este ano com isenção para 150 mil toneladas, que podem ser importadas com alíquota zero”, informou.

Insegurança jurídica

O chefe da Abrapalma disse que essa situação provoca insegurança jurídica e acaba por desestimular produtores, já que prazo para investimento no dendê chega a 30 anos. “Ninguém investe em um ambiente de incerteza. A isenção reduz o preço do óleo e, consequentemente, o preço pago ao agricultor. Precisamos de previsibilidade e proteção contra a concorrência desleal. Se a exceção (imposto zero) virar regra, o ritmo de crescimento diminuirá e o Brasil perderá essa oportunidade para países como Colômbia, Equador e Guatemala.”

O conselheiro informou que apresentou um novo pleito ao Ministro Carlos Fávaro e que ficou de agendar uma reunião extraordinária

Correio Braziliense



Ninguém investe em um ambiente de incerteza. A isenção reduz o preço do óleo e, consequentemente, o preço pago ao agricultor. Precisamos de previsibilidade e proteção contra a concorrência desleal”

da CAMEX para discutir o tema. “Mostramos os números da safra para evidenciar que há uma sobreoferta de óleo e de fruto no momento.”

O entrevistado defendeu o estímulo à produção da palma em todos os estados da Amazônia Legal, pois atualmente, o Pará detém 95%

da produção nacional. Segundo o especialista, toda a área da Amazônia é propícia ao plantio do dendê devido à pluviosidade ideal.

Ele destacou ainda o “mito” de que o cultivo de dendê traga danos ambientais e afirmou que essa má impressão se deve ao fato de

a Indonésia ter desmatado uma área de floresta tropical para realizar o plantio. “Há uma visão europeia negativa, mas estamos trabalhando para mostrar que, no Brasil e na América Latina, o estilo de plantio é muito diferente. Na COP, levamos uma comitiva do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) para conhecer agricultores familiares integrados. Eles viram que a agricultura familiar já é um sistema agroflorestal por natureza”, apontou.

O entrevistado ilumina como funciona o ciclo de produção do dendê, sendo um cultivo perene,

com o plantio sendo feito no primeiro ano e a produção começa no terceiro ano. A partir daí, a colheita ocorre quinzenalmente o ano inteiro, com maior concentração no segundo semestre.

“Sobre a cadeia: o agricultor produz o cacho de fruto e o vende para as indústrias integradas, que oferecem apoio técnico e, às vezes, capital de giro. O óleo bruto está sendo vendido a cerca de R\$5.600 a tonelada. O agricultor recebe entre 12% e 13% desse valor. Em 1 hectare maduro (próximo ao 10º ano), produz-se cerca de 25 toneladas de fruto. Isso resulta em um faturamento anual de R\$15 mil a R\$20 mil por hectare.”

No que diz respeito à competição com a Indonésia, Almeida revela que o custo de mão de obra brasileira é o dobro dos asiáticos. “O nosso custo por trabalhador para a empresa gira em torno de R\$4.000 mensais, enquanto na Indonésia é cerca de R\$2.000. A diferença está nos encargos tributários e no próprio salário.”

Ele disse ainda que os gastos internos, como logística e tributação — chamado Custo Brasil — fazem o produto nacional ser mais caro, o que favorece a importação. “Curiosamente, é mais barato trazer óleo da Indonésia para o Brasil do que mandar do Pará para São Paulo, devido aos custos logísticos e de frete.”

*** Estagiário sob a supervisão de Edla Lula**